

UMA “VIRADA PERFORMATIVA” NOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO? REFLEXÕES EM UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA¹

Michaela Wolf²

Tradução de Everton Gehlen Batista

Resumo: O interesse na análise da ligação e interação entre performance e tradução aparece com cada vez mais importância na área, ainda em construção, da sociologia da tradução. Esse efeito se deve, em especial, à ênfase na pesquisa da figura do tradutor e de outros agentes envolvidos no processo de tradução e, mais precisamente, à exploração do papel e da função do tradutor como um sujeito da performance da tradução. As reflexões deste artigo objetivam explorar o potencial epistemológico do conceito de performance na ocorrência social da tradução e também na contribuição do termo para a conceitualização mais ampla de tradução, no sentido de uma percepção possivelmente melhor informada pela metáfora.

Palavras-chave: tradução; performance; teoria.

1. Introdução

Nas últimas décadas, as noções de “performance”, “performativo” e também de outros termos correlatos vêm se desenvolvendo na direção de se tornarem conceitos-chave em diversas disciplinas das ciências humanas e sociais, resultando, em última análise, no que é chamado de *virada performativa*. Apesar do número crescente de variações no uso e na adoção de conceitos relativos à performance em diferentes linhas de pesquisa, um ponto comum de referência pode ser considerado o enfoque na “processualidade” irredutível dos fenômenos culturais (HEMPFER; VOLBERS, 2011). Esse foco abre uma discussão sobre a relação entre as práticas humanas/culturais e o contexto em que ocorrem. A ênfase metodológica que se segue, portanto, é deslocada em direção à exploração das interações dinâmicas entre os agentes sociais participantes de tais processos e o ambiente. No contexto da tradução, isso pode implicar o aguçamento do escopo sociológico nos processos de transferência e de tradução.

Uma rápida olhada nas reflexões de Doris Bachmann-Medick sobre a *virada performativa* (nos Estudos Culturais) revela que essa *virada* está estritamente ligada ao que

¹ O artigo em língua inglesa foi publicado em Acesso Aberto. O resumo e palavras-chave, presentes na página de publicação, mas não no documento do artigo, foram adicionados posteriormente na tradução. WOLF, Michaela. A “Performative Turn” in Translation Studies? Reflections from a sociological perspective. *Transcultural*, Edmonton, v. 9, n. 1, p. 27-44, jul. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.21992/T90D1S>. Acesso em: 7 abr. 2021.

² Profa. Dra. aposentada do Departamento de Estudos da Tradução na Universidade de Graz, Áustria.

nós descrevemos como a *virada sociológica* nos Estudos da Tradução³. A autora enfatiza que, dentro da virada performativa, a atenção está voltada sobre a “dimensão expressiva tanto das ações como dos eventos baseados nas ações, incluindo a cultura social encenada” e que “a dimensão prática da geração de significados culturais e experiências” tem prioridade (BACHMANN-MEDICK, 2016, p. 73). Em relação à tradução, isso significa que as condições, assim como os processos de produção, são discutidos cada vez mais sob conceitos e teorias que se encontram na subdisciplina da sociologia da tradução, nos últimos anos. Essas consequências estão baseadas nos conhecimentos vindos da prática tradutória e dos resultados da pesquisa interdisciplinar que demonstram a possibilidade de perceber a tradução como um processo social feito de constituintes ligados estritamente a questões sócio-políticas. Um caso em questão é a intensificação da discussão dos desafios a serem enfrentados no campo dos Estudos da Tradução, que questiona de forma crítica visões tradicionais de tradução como uma atividade de transferência entre duas línguas ou, na melhor das situações, duas culturas. Entre as atividades mais ou menos recentemente exploradas, encontramos estudos que exploram a tradução e interpretação em situações humanitárias, como nas consequências de um terremoto (KURULTAY; BULUT; KAHRAMAN, 2006), no contexto de refugiados (MOKRE, 2015), ou em situações de conflito, como na Revolução Egípcia (BAKER, 2016), na Guerra do Iraque (INGHILLERI, 2008) e no Afeganistão (SKROKHOD, 2016), entre muitos outros casos.

Nesse contexto, surge a questão sobre o que é possível ganhar a partir da *virada performativa* que, de um lado, aprofunde a compreensão epistemológica na sociologia da tradução em geral e, de outro, conceitue uma nova noção de tradução que a defina como um fenômeno construído nas fundações sócio-políticas mencionadas acima. Em que medida, então, a virada performativa ampara a asserção de um conceito de tradução que vai além das ideias tradicionais e que possa atender os requisitos políticos e sociais da prática da tradução hoje? Esse artigo discute essa questão em vários níveis: primeiro, discuto as principais características da *virada performativa* e sua relevância para os Estudos da Tradução até hoje; em seguida, procuro entender a *virada* no contexto da prática social da tradução em maior detalhe. Como resultado, é possível concluir que a virada performativa só pode ser proveitosa quando aplicada a um conceito de tradução estendido e abrangente.

³ Uma análise detalhada do tópico sobre as “viradas” ainda está faltando. De acordo com Mary Snell-Hornby (2006), as “viradas” nos Estudos da Tradução podem ser melhor compreendidas como um panorama histórico de perspectivas nos Estudos da Tradução. Cf. Wolf (2014) sobre o contexto da emergência das viradas em termos mais gerais, baseada principalmente em Bachmann-Medick (2009).

2. A virada performativa

Um dos livros que discorre detalhadamente sobre as "viradas" é *As viradas culturais: novas orientações no estudo da cultura* (2016) de Doris Bachmann-Medick. A autora questiona como as "viradas" geralmente acontecem nas Ciências Humanas. Ela parte do princípio de que as disciplinas relacionadas de algum jeito à cultura ou consideradas como parte do grupo de domínio dos Estudos Culturais não estão envolvidas na "imponente retórica sobre as 'revoluções' acadêmicas" (BACHMANN-MEDICK, 2016, p. 11). Assim, ela rejeita a aplicação das propostas de Thomas S. Khun no trabalho *A estrutura das revoluções científicas* (1970) ao domínio dos Estudos Culturais e insiste em distinguir os "paradigmas" das "viradas"⁴. Desse modo, ela parte de George Marcus e Michael Fischer que entendem as "viradas" como "relativamente efêmeras e transicionais entre períodos de estilos de pesquisa mais estabelecidos e orientados pelo paradigma dominante" (BACHMANN-MEDICK, 2016, p. 11). Bachmann-Medick leva o argumento adiante, postulando que, em disciplinas preocupadas com a cultura, a teoria não avança pela via das rupturas massivas dos "paradigmas". A atenção teórica muda de forma menos abrangente, em um ciclo de avaliações sensíveis com os problemas e processos da constelação teórica (BACHMANN-MEDICK, 2009). Nesse sentido, a autora vê três estágios que caracterizam as "viradas" em geral. O primeiro estágio é a extensão do objeto ou campo temático: isso implica uma mudança do nível objetivo dos novos campos de investigação para o nível de categorias e conceitos de análise. No segundo, a dinâmica das viradas é caracterizada pela formação de metáforas, tais como a "cultura como tradução". A metaforização é transcendida uma vez que seu potencial para novos entendimentos muda de acordo com a disciplina, trazendo assim novas formas de conhecimento, e procede para a esfera da conceituação teórica. O terceiro estágio se volta ao refinamento teórico, provocando um salto conceitual e possibilitando a aplicação transdisciplinar (BACHMANN-MEDICK, 2009, 2016).

Os Estudos da Tradução enquanto disciplina tende a estar alinhado com as mudanças paradigmáticas ou "viradas". As razões para essa tendência são óbvias: primeiro, o sujeito está intrinsecamente localizado nas zonas de contato entre as várias culturas envolvidas em um dado processo tradutório. Conseqüentemente, os Estudos da Tradução estão continuamente expostos a várias contextualizações e comunicações diferentes ou arranjos

⁴ Para uma avaliação crítica do uso do conceito de "viradas" por Bachmann-Medick na e além da disciplina dos Estudos Culturais, ver Böhme (2008).

comunicativos diferentes. A segunda razão pode ser encontrada na constituição ou estrutura da própria disciplina. Desde o começo do processo de seu estabelecimento, as várias formas de comunicação que moldaram as questões tratadas no domínio dos Estudos da Tradução nos chamam para ir além dos limites disciplinares. Isso levanta questões sobre a possibilidade de já existir uma “virada performativa” na disciplina dos Estudos da Tradução. As observações seguintes jogam mais luz sobre essa questão e introduzem alguns dos argumentos para essa afirmação, por ora, preliminar.

Erika Fischer-Lichte, diretora do Centro de Pesquisa Internacional “Entrelaçando Culturas Performativas”, professora de Estudos Teatrais da Universidade Livre de Berlim e uma das principais acadêmicas em semiótica do teatro, distingue entre dois estágios diferentes de uma *virada performativa*: primeiro, a autoconcepção da cultura europeia baseada na performance, na virada do século XIX para o XX, e uma *virada performativa* guiada por uma teoria contemporânea nas ciências humanas e sociais (FISCHER-LICHTE, 2000; BACHMANN-MEDICK, 2016). Em relação ao primeiro estágio, Fischer-Lichte aponta que, considerando o *fin-de-siècle*, podemos observar uma transição de uma cultura predominante textual para uma cultura amplamente performativa. Essa transformação ocorreu primeiro no contexto do teatro e se refere à autoimagem da cultura europeia no *fin-de-siècle* quando o entendimento da cultura baseada no texto foi incorporado a um entendimento de cultura marcada pelo exotismo, materialidade, teatralização da vida cotidiana, assim como por outras dimensões performativas. O segundo estágio, que ainda está sendo instituído e começou em meados da década de 1980, é caracterizado pelo interesse na processualidade da performance e, em especial, na materialidade da mídia que faz parte do processo performativo. As minhas observações estão baseadas primeiramente nesse segundo estágio, que, como mencionado, é o estágio atual da *virada performativa*.

De acordo com o apontamento pertinente de Bachmann-Medick (2016), parece, entretanto, problemático assumir uma conexão direta entre a *virada performativa* histórica e a metodológica.

Afinal, os novos rumos tomados pelo estudo da cultura não podem ser explicados apenas com base na crescente teatralização da realidade social e histórica. Em vez disso, eles refletem uma nova atitude perceptiva e analítica que tem permitido a visão de objetos, ações e processos culturais em termos performativos, particularmente na perspectiva de sua encenação e das suas dimensões performativas, mesmo que não sejam teatralizados. (BACHMANN-MEDICK, 2016, p. 89)

Na verdade, a identificação dessas duas tendências não pretende promover uma dicotomia entre uma modernidade baseada no texto, de um lado, e uma visão que enfatiza a performance, do outro. Mais precisamente, a atenção está na progressão desses rearranjos em um contínuo até o presente e no exame das suas separações e linhas de conexão.

A questão da via pela qual a ação humana reflete, fortalece e reestrutura padrões interpretativos da cultura da autoimagem está, portanto, no centro da *virada performativa*. Esse paradigma de ação subordina a produção humana conscientemente performada e a produção humana como parte de uma dada rotina cotidiana, que é performada em grande medida inconscientemente. Fischer-Lichte (201-?) salienta que um dos resultados da crescente atenção dada às performances culturais desde o começo do século XX deu origem à pesquisa focada nas

[...] atividades de produção, fabricação e criação, e nas ações, processos de troca, mudanças e dinâmicas de atores culturais e eventos que levam à dissolução de estruturas existentes e a criação de novas. Simultaneamente, a materialidade, a midialidade e a processualidade interativa dos procedimentos culturais tomam forma.⁵ (FISCHER-LICHTE, 201-?)

Assim, a virada performativa marca um movimento que se afasta das palavras, dos artefatos e da pesquisa textual e vai em direção ao entendimento do processo performativo das práticas culturais. Fischer-Lichte também salienta o entrelaçamento das culturas na performance em um sentido mais amplo.

O tópico se refere a toda variação do processo e fenômeno que culturas diferentes se conectam através da performance, continuamente produzindo diferenças variadas e específicas, assim questionando de maneira profunda conceitos fixos da identidade cultural. Pelas práticas performativas e modos de apresentação, as dimensões políticas e sociais se tornam aparentes: os processos de entrelaçamento estão inextricavelmente ligados a questões de poder econômico, migração, corpo-realidades e políticas de identidade, assim como a estratégias de apropriação e tradução.⁶ (INTERNATIONALES, 2008)

Desse modo, ela adiciona um componente político explícito à virada performativa que parece produtivo principalmente para o contexto tradutório. Além disso, a ênfase nos entrelaçamentos das práticas culturais abre a visão do pesquisador para a reciprocidade que ocasiona a diversificação e as múltiplas diferenças.

⁵ (N.T.) A tradução da citação foi baseada na tradução de Wolf do alemão para o inglês.

⁶ (N.T.) A tradução da citação também foi baseada na tradução de Wolf do alemão para o inglês.

A progressão das ações performativas está sujeita a condições institucionais e sociais. Consequentemente, as práticas sociais aparecem como construtos em andamento e recém constituídos, baseados na formação de novos, ou em construtos ainda em desenvolvimento, e constelações de construtos ainda não existentes que resultam em processos performativos. A principal característica da performance social é, de um lado, a força transformativa que incita a performance a se movimentar continuamente em novas direções, também levando em conta (baseado em pesquisas sobre performance no contexto do teatro) o conceito de teatralidade que vai além da configuração do teatro — palavra-chave “texto como palco”, cf. Huber (2003). Por outro lado, a noção de transgressão é de suma importância na *virada performativa*. De acordo com Doris Bachmann-Medick, a transgressão “descreve a prática de cruzar ou dissolver fronteiras, da carnavalização e da quebra de códigos” (2016, p. 90). A transgressão não se refere só ao cruzamento entre, por exemplo, mídia, discurso ou territórios culturais, mas também ao cruzamento performativo das fronteiras de eventos legalizados ou ritualizados (BACHMANN-MEDICK, 2016).

Enquanto uma série de conceitos e termos mencionados na discussão do “performativo” são recorrentes nas ciências humanas e sociais, nos Estudos da Tradução, a discussão sobre a *virada performativa* não ganhou força na disciplina. No entanto, não concordo completamente com a opinião de Bigliuzzi, Kofler e Ambrosi que sugere, sobre a relação entre os Estudos da Tradução e a *virada performativa*, “[...] que a virada performativa ao menos tem o mérito duradouro de favorecer a centralidade da tradução no evento teatral como um ato literário e performativo a ser visto como uma atividade específica para o teatro em performance” (BIGLIAZZI; KOFLER; AMBROSI, 2013, p. 3). Em vez disso, o termo e o conceito de performance — e suas variantes em outras línguas — são adotados frequentemente no campo dos Estudos da Tradução, sem, no entanto, ter sofrido uma teorização diferenciada. Como Sandra Bermann indica, quando os acadêmicos dos Estudos da Tradução — na emergência da *virada cultural* — começaram a se interessar pelos efeitos e atos culturais e políticos da tradução, e examinar o *fazer* tradutório em vez de apenas o *dizer*, eles se movimentaram em uma “direção performativa” (BERMANN, 2014). Nos últimos anos, essa referência tem sido feita principalmente a questões didáticas⁷. Um olhar mais atento sobre os trabalhos nos Estudos da Tradução em relação aos problemas associados à performance revela também que um grande número de publicações usa a noção de

⁷ Cf. Szabó (2003), Künzli (2006) e Han; Slatyer (2016), entre muitos outros.

performance⁸ baseada em uma visão mais geral do praticante em seu “comportamento como intérprete ou tradutor” e seu “desempenho profissional” frequentemente em termos de eficiência, produtividade e competência. Isso pode ser ilustrado em vários títulos, escolhidos aleatoriamente: “De máquinas invisíveis a especialistas visíveis: visões sobre o papel do intérprete e do desempenho durante o julgamento do atentado dos trens de Madri”⁹ (MARTÍN; ORTEGA HERRÁEZ, 2013); “Tradução oral à prima vista e disfluência da fala: análise de desempenho como uma janela para processos cognitivos de tradução”¹⁰ (SHREVE; LACRUZ; ANGELONE, 2011); ou “As condições dos bastidores e o desempenho do intérprete na interpretação ao vivo na televisão: qualidade, visibilidade e exposição”¹¹ (JIMÉNEZ SERRANO, 2011).

Em geral, a performance é vista mais em termos retóricos do que como uma categoria da linguística ou dos estudos culturais e literários. Conseqüentemente, a maioria desses trabalhos enfocam questões relacionadas a padrões de qualidade na interpretação. De forma similar, na interpretação das língua de sinais, é possível achar títulos tais como “Teste de Desempenho de Stanford, 9ª edição: normas nacionais e padrões de desempenho para alunos surdos e com deficiência auditiva”¹² (TRAXLER, 2000); “O desempenho tradutório de surdos na Língua Brasileira de Sinais: conceitos descritivos e abordagens para procedimentos liderados por tradutores-atores surdos”¹³ (MÜLLER DE QUADROS; SOUZA; RAMALHO SEGALA, 2012), os quais também tendem a se basear no uso da linguagem comum. Alguns dos poucos trabalhos que fazem referência especificamente à linguística em um contexto de tradução, principalmente em relação à teoria da performance de Austin, são aqueles escritos por Uwajeh (1996) ou Robinson (2003). Nos últimos anos, apenas pouquíssimos livros se dedicaram à discussão entre a performance e a tradução em um nível mais conceitual. Um

⁸ (N.T.) A palavra em inglês *performance* é bastante polissêmica, o que é até mesmo reconhecido por Wolf ao longo do artigo. Algumas das possibilidades de tradução para o português são, por exemplo, “performance” e “desempenho”. Optou-se pelo uso dos dois termos para evitar a perda da idiomatidade das frases, tendo cuidado de empregar a palavra “desempenho” apenas quando o texto não se refere a performance como um desempenho de papéis, que é a definição usada em algumas áreas do conhecimento, como as ciências sociais.

⁹ Título em inglês: “From invisible machines to visible experts: Views on interpreter role and performance during the Madrid train bomb trial” (MARTÍN; ORTEGA HERRÁEZ, 2013).

¹⁰ Título em inglês: “Sight translation and speech disfluency: Performance analysis as a window to cognitive translation processes” (SHREVE; LACRUZ; ANGELONE, 2011).

¹¹ Título em inglês: “Backstage conditions and interpreter’s performance in live television interpreting: Quality, visibility and exposure” (JIMÉNEZ SERRANO, 2011).

¹² Título em inglês: “The Stanford Achievement Test, 9th Edition: National norming and performance standards for Deaf and Hard of Hearing Students” (TRAXLER, 2000).

¹³ Título em inglês: “Brazilian Sign Language Deaf-translation performance: Descriptive concepts and approaches to procedures led by Deaf translator-actors” (MÜLLER DE QUADROS, SOUZA; RAMALHO SEGALA, 2012).

desses livros é *A tradução como performance*¹⁴ (2012), escrito por Heike van Lawick e Brigitte Jirku, que colocam seus livros na intersecção de várias disciplinas¹⁵. Ao contrário, os trabalhos inspirados pelas Artes Teatrais obviamente discutem a noção de performance em conexão com a performance teatral, ambas em nível prático e metafórico¹⁶. Os trabalhos que definem a performance como uma categoria elaborada nos estudos literários tendem, de forma ampla, a pegar o conceito emprestado de autores que o discutem com base nas ideias relevantes postuladas por Victor Turner e outros antropólogos¹⁷.

Em relação à reivindicação de estarmos passando por uma possível “virada performativa” nos Estudos da Tradução, parece que os dois primeiros estágios delineados acima estão sendo, no mínimo, provisoriamente experimentados no processo comumente chamado de “virada performativa”, de acordo com os critérios de Bachmann-Medick sobre uma “virada” nas ciências humanas. As categorias em desenvolvimento, parcialmente baseadas nas abordagens do contexto dos Estudos Teatrais, atestam o estágio inicial da elaboração de ferramentas teóricas que permitem a conceituação dos aspectos performativos do “fazer” de uma tradução (BERMANN, 2014). Além disso, a metaforização, o segundo estágio mencionado por Bachmann-Medick (2016), está avançando, como foi ilustrada em alguns dos exemplos mencionados acima. Aparentemente, então, essa “direção performativa” vem sendo tratada sobretudo em um contexto de enfoque social sobre a prática da tradução. Esse assunto será tratado na próxima seção.

3. A *virada performativa* e a prática social da tradução

A análise dos efeitos da *virada performativa*, ou ao menos o exame da aplicação minuciosa do conceito de performance, parece ser relevante, em especial, a questões relacionadas aos Estudos da Tradução, particularmente em relação às múltiplas manifestações da virada performativa como apresentadas acima. Nesse momento, a performance, na forma como o termo é usado na antropologia, parece bem adequada sobretudo à análise nos Estudos da Tradução. A pesquisa sobre atos sociais processuais estimulou Victor Turner a desenvolver um modelo de drama social, que ele define como “um processo social harmônico ou desarmonico, surgido [principalmente] em situações de conflito” (TURNER, 1974, p. 37), ou

¹⁴ Título em alemão: *Übersetzen als Performanz* (LAWICK; JIRKU, 2012).

¹⁵ Cf. Wilson; Maher (2012) e Bigliuzzi; Kofler; Ambrosi (2013).

¹⁶ Cf. Bassnett-McGuire (1978), Ladouceur; Nolette (2011), Aaltonen (2013), Bigliuzzi; Kofler; Ambrosi (2013), Marinetti (2013), Zurbach (2015), entre outros.

¹⁷ Cf. Lindsay (2006).

como “uma sequência de interações sociais do tipo conflitivo, competitivo ou agonístico” (TURNER, 1988, p. 33). Turner brinca com a variada gama de significados do verbo em inglês *to perform* (performar), que inclui *to finish* (concluir), *to do* (fazer), *to make* (produzir), *to build* (construir), etc. (FRANZ; KALISCH, 2000). Essa abordagem pode ser entendida como uma ligação direta com a técnica cultural da tradução: os contextos culturais e sociais, nos quais as atividades de tradução estão arraigadas, fazem a tradução se mostrar aparentemente como um processo em que a performatividade é inscrita de forma intrínseca. Os agentes participantes — de forma simbólica ou real — no processo completo da tradução, “produzem”, “constroem” ou “criam” a tradução e finalmente a “concluem”. O processo de tradução é concebido como um processo performativo, um processo que na base da ação social constitui o significado, transcende fronteiras e cria representação ao deliberadamente explorar as diferenças encontradas durante o processo. Todas essas características, que os pesquisadores dos Estudos da Tradução apontam quando investigam a performance, já vêm sendo percebidas pela aplicação de teorias pós-coloniais a questões relacionadas à tradução. Os trabalhos de relevância nos Estudos da Tradução incluem aqueles que explicitamente discutem a performance em conexão à teoria da hibrididade de Homi Bhabha¹⁸. A dinâmica do performativo pode ser melhor descrita com a seguinte passagem de Homi Bhabha:

O pacto da interpretação nunca é simplesmente um ato de comunicação entre o Eu e o Você designados no enunciado. A produção de sentido requer que esses dois lugares sejam mobilizados na passagem por um Terceiro Espaço, que representa tanto as condições gerais da linguagem quanto a implicação específica do enunciado em uma estratégia performativa e institucional [...] (BHABHA, 1998, p. 66)¹⁹

A partir das palavras de Homi Bhabha, deduzimos que a tradução sem a noção do “performativo”, que é característica do movimento do “entrelugar”, é dificilmente viável. O Eu e o Você — referidos como emissor e receptor no processo de tradução — não são, de modo algum, suficientes para a tradução produzir um sentido. No entanto, é apenas através do ato performativo que as transferências e trocas culturais e sociais que permitem a criação das traduções entram em vigor²⁰.

Os variados estilos definidos por Victor Turner no seu “drama social” estabelecem as bases para tais transferências. Na sua teoria dos dramas sociais, Turner argumenta que

¹⁸ Cf. Wolf (2008) por exemplo.

¹⁹ (N.T.) O excerto do livro *O local da cultura* (1998) usado aqui foi traduzido por Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves pela Editora UFMG.

²⁰ Cf. também Jirku; Lawick (2012) para esse contexto.

existem quatro fases principais de ação pública. O modelo do antropólogo enfatiza o modo processual em que indivíduos e grupos de pessoas se enfrentam na disputa entre valores e princípios conflitantes aos seus propósitos particulares em uma dada situação. Turner delinea os estágios do seu modelo como ruptura, crise, ação reparadora e desfecho (reintegração harmoniosa ou cisão social). A primeira fase é “sinalizada pelo público, uma ruptura manifesta ou o não cumprimento de alguma norma crucial que regula as relações das partes” (TURNER, 1974, p. 38). Uma vez que a ruptura ocorre, “uma fase de intensificação da crise surge em seguida, na qual a ruptura se aprofunda e ocasiona a separação entre as partes envolvidas. O estágio de crise tem “características liminares, uma vez que se trata de um limiar entre fases relativamente estáveis do processo social” (TURNER, 1974, p. 39). Na terceira fase, a “ação reparadora” ocorre para limitar a propagação da crise com “certos mecanismos de ajuste e reparação [...] [que] são rapidamente colocados em operação por membros de liderança do sistema social perturbado” (TURNER, 1974, p. 39). Os mecanismos operacionais dessa fase podem variar entre um conselho pessoal e mediação informal ao uso do maquinário formal da lei e da jurisdição, e à performance do ritual público (TURNER, 1974), a fim de resolver certos tipos de crise ou legitimar outros modos de resolução. O quarto estágio é o desfecho. Nessa fase, a resolução do problema é negociada e a mudança que vem tomando espaço é legitimada.

Sem a intenção de traçar paralelos excessivamente simples, o esquema de Turner pode ser comparado com o processo de tradução. As conexões são óbvias, uma vez que o modelo fala sobre todas as fases da tradução em termos que também são usados para descrever o processo de tradução desde o começo dos desenvolvimentos teóricos dos Estudos da Tradução. A questão da gestão de crise *qua* resolução de conflito pela tradução — usada tanto em seu sentido prático como metafórico — é de fato um dos tópicos centrais em qualquer discurso que apoia uma reflexão crítica da globalização, incluindo o campo dos Estudos da Tradução, mas não se limitando a ele. Essas reflexões enfocam os constituintes sociais do processo performativo, por exemplo, nos agentes que operam simbolicamente e na vida real para realizar uma dada performance. Aqueles que participam nos eventos performativos são membros ativos de uma rede social e são integrados em um padrão complexo de relações. A análise da interação das forças que produzem e determinam esse padrão de relações, assim como o impacto nos sujeitos envolvidos, revelam um poderoso quadro de laços que constituem a prática social e simbólica da tradução.

Os estudos baseados na metodologia da sociologia da tradução alegam revelar as implicações sociais do processo de tradução. Eles não apresentam o fenômeno primordial da

tradução em diferentes instâncias como processos separados, mas sim no contexto da sua localização relacional e dinâmica dentro do campo das tensões sociais, por exemplo, em Sela-Sheffy (2005) e Wolf (2007). Ainda assim, sem levar em conta o processo performativo dessas diferentes fases, tal estratégia é condenada ao fracasso, porque, como foi mostrado, apenas a “perspectiva performativa” do processo tradutório revelará tanto os padrões que regem as ações (tradutórias) frequentemente repetidas, quanto a exploração das margens de transição. Essa é a única abordagem que é capaz de explicar os “processos de entrelaçamento e diferenciação através da performance” — da forma como Erika Fischer Lichte (2008, p. 17) os descreve — que produzem efeito dentro de um dado período de tempo e são inerentes a todo processo tradutório. Portanto, é essencial estender o elemento performativo à descrição do processo tradutório em um quadro baseado na sociologia da tradução.

4. Os variados tipos de tradução dentro da *virada performativa*

O campo da tradução como uma prática política e social tem, sem dúvida, mudado drasticamente durante as últimas décadas. Já foram mencionados os campos de atividade recém-criados para tradutores e intérpretes: áreas como desastres naturais, conflitos armados e contextos relacionadas à globalização em geral requerem agentes comprometidos em encontrar uma nova posição dentro dos seus respectivos campos de tradução e, assim, uma nova definição, ou ao menos produzir necessariamente uma extensão do termo tradução. A visão dos tradutores que trabalham “para o mercado” é determinada hoje pela amplitude das suas funções e, por consequência, em uma mudança nos requisitos e habilidades. Por sua vez, essa visão está gradualmente sendo substituída por uma que enxerga os tradutores trabalhando “para a sociedade”. Essa última visão sugere que eles se tornem proativos dentro de seu campo e que suas ações sejam principalmente autodeterminadas.

Simultaneamente a esses desenvolvimentos, podemos presenciar um debate tanto nos Estudos da Tradução como também além dessa área, que começou a perceber recentemente a tradução em um sentido mais amplo e mais metafórico (palavra-chave: “tradução cultural”). De fato, algumas questões desse debate também são discutidas neste artigo²¹. Para resumir, a tradução cultural se baseia principalmente na antropologia e nos estudos culturais e pós-coloniais. Enquanto na antropologia o termo é usado para se referir ao “ato de descrever aos membros de uma comunidade cultural sobre como membros de outra comunidade interpretam

²¹ Cf. Buden *et al.* (2009), Pratt *et al.* (2010) e Kien; D’hulst; Young (2010).

o mundo e seu lugar nele”, nos estudos culturais, ele “geralmente se refere às diferentes formas de negociação que as pessoas participam quando são deslocadas de uma comunidade cultural para outra” (CONWAY, 2012, p. 21)²². No viés deste artigo, eu faço uma elaboração sobre a variante sociológica desse conceito de forma ampliada, por exemplo, a “tradução social”²³. O aspecto performativo do processo tradutório serve como um pano de fundo para essas reflexões.

Na sociologia, a questão da suposta unidade da sociedade é central para uma diversidade de discussões pertinentes. Desse modo, os projetos de pesquisa no passado (MÜNCH, 1986; PARSONS, 1996) tendiam a focar na elaboração de modelos teóricos que tentavam entender a sociedade como uma unidade. Muitos desses modelos demandam uma integração da sociedade baseada em normas e assim assumem que, em geral, as sociedades operam de acordo com a formação normativa de seus agentes. Por exemplo, o entendimento de que os sujeitos agem em termos normativos *per se*. Uma série de sociólogos consideram tais formas de pensamento problemáticas, como Joachim Renn (2002), que alega a oposição desses modelos em relação a uma visão pluralista da sociedade. Portanto, a integração de uma perspectiva multifacetada culturalmente e metodologicamente, sem sucumbir à tentação de ser excessivamente normativa, é uma questão-chave da pesquisa sociológica²⁴.

Na trilha dos desenvolvimentos acima citados, a suposição apresentada por uma série de pesquisadores da sociologia nas últimas décadas, de que as sociedades modernas deveriam ser vistas como configurações diferenciadas e complexas, foi também feita por Gabriele Cappai. Ele alega, em vista da diferenciação social progressiva, que a integração social garante potencialmente um certo nível de coesão e constância. Um modelo de integração conceituado nesse plano é determinado por mecanismos que operam em três níveis: mediação, coordenação e comunicação. Cappai (2002, p. 216) chama o processo desses mecanismos de “tradução”, esclarecendo “que a integração social não pode ser percebida como um produto dos processos de tradução [...]. Eu pretendo manter uma opinião mais modesta, mas de maior alcance em termos socioteóricos; a tradução é uma condição necessária, mas não suficiente, para uma integração ao mesmo tempo social e sistêmica”²⁵. Consequentemente, o termo “tradução social” só é indispensável para uma sociedade que

²² Bachmann-Medick enfatiza que a ideia e a prática da tradução cultural podem “agir como uma metáfora antiessencialista e anti-holística que objetiva revelar contradiscursos, formas discursivas e ações resistentes dentro de uma cultura, espaços discursivos heterogêneos dentro de uma sociedade” (2006, p. 37).

²³ Cf. Wolf (2011).

²⁴ Martin Fuchs (2002) discute, por exemplo, o “modelo opcional” (*Optionsmodell*) assim como o “modelo inclusivo” (*Inklusivmodell*).

²⁵ (N.T.) A tradução da citação foi baseada na tradução de Wolf do alemão para o inglês.

dispõe de uma distribuição simétrica de conhecimento, de valores e de expectativas. A ideia de tradução social é fundamentada em duas suposições: de um lado, a premissa de que a sociedade consiste de diferentes formas de vida entre as quais existe uma necessidade óbvia de traduzir; do outro, a condição necessária de que essas formas diferentes de vida e organização sejam realmente “traduzíveis” umas nas outras (CAPPAL, 2002). Além disso, a circulação de elementos discursivos que constituem esses aspectos da vida e que substancialmente contribuem para a construção da heterogeneidade social devem ser um pré-requisito para a viabilidade desse tipo de tradução. No entanto, é apenas pela interação social que as práticas discursivas podem ser concretizadas; de outra forma, não seria possível realizar uma tradução. Quando a ênfase é posta nessa prática de integração social dos processos e dinâmicas de troca continuamente produtores de novas ações, torna-se óbvio que o conceito de tradução social não pode dispensar a performatividade como constituinte.

No artigo “A busca de uma aproximação; ou, ninguém existe em apenas um contexto: a sociedade como tradução”²⁶ (2009), Martin Fuchs abraça esse argumento e alega que a integração social não é baseada no consenso, mas sim na diferença. Além disso, ele sustenta o argumento de que a integração social acontece no nível de interação social entre unidades integrantes através da tradução, entre seus respectivos significados ou linguagens cotidianas ou abstratas, e entre aqueles significados/linguagens e práticas “concretas”. Em última análise, é através da mediação da tradução que as diferentes instituições, sistemas e *milieus*, discursos ou campos sociais coexistem e se intersectam. A noção da tradução conceituada por Fuchs (2009) cria a oportunidade para um novo entendimento da práxis social e da vida social no geral. De forma mais precisa, a ideia da tradução como uma prática social desempenha um papel fundamental nas sociedades “modernas” diferenciadas. No contexto de uma suposta unidade social, isso significa que essa “unidade” “não pode ser compreendida de outra forma além da tradução permanente em uma variedade de contextos”²⁷ (RENN, 2002, p. 209).

5. A tradução como performance?

Em vista dessas abordagens teóricas recentes, várias questões acabam por surgir: Como esse conhecimento pode ser usado epistemologicamente tanto para conceitos futuros na sociologia da tradução como para um conceito ampliado de tradução a partir de uma perspectiva sociológica? E quais resultados podemos chegar ao olhar para a tradução de um

²⁶ Título em inglês: *Reaching out; or, nobody exists in one context only: Society as translation* (2009).

²⁷ (N.T.) A tradução da citação foi baseada na tradução de Wolf do alemão para o inglês.

ponto de vista performativo? A fim de responder a essas questões, será útil olhar de novo uma questão que foi mencionada anteriormente nesse artigo: a tradução para o palco.

A pesquisa nos Estudos da Tradução relacionada à encenação, por um bom tempo, voltou sua atenção para questões resultantes da tríade falabilidade²⁸/respirabilidade, encenabilidade e performabilidade (SNELL-HORNBY, 2006; BIGLIAZZI; KOFLER; AMBROSI, 2013). Essas palavras-chave definem uma tradução para o palco bem-sucedida, questão que, na pesquisa, tende a se concentrar em problemas relacionados ao texto em um sentido mais restrito. Apesar dos estudos que consideram os aspectos performativos nesse campo da tradução de mídia, por exemplo, as diferentes fases de transformação pelas quais uma peça (originalmente escrita em uma língua diferente) passa antes de ser encenada²⁹, estarem no horizonte de pesquisa dos Estudos da Tradução nas últimas duas décadas, mais trabalhos sobre o assunto seriam bem-vindos, principalmente com uma orientação mais conceitual.

A complexidade das traduções para a encenação pode ser ilustrada pela combinação de uma variedade de processos tradutórios. Esses diferentes estágios podem ser descritos — tomando emprestado o conceito de Victor Turner — como uma *performance cultural*. Turner enfatiza que as “performances culturais não são simples reflexos ou expressões da cultura ou mesmo da cultura em transformação, mas elas podem ser *agências ativas de mudança*” (1988, p. 24, grifo da autora). Essa característica é relevante, em particular, para a tradução para o palco. A explicação se deve às diferentes fases desse processo fazerem parte de um certo dinamismo, que é evidenciado no fato de que, depois de décadas de pesquisa, a atenção hoje em dia tenha mudado de um interesse ingênuo e limitado exclusivamente ao texto para uma análise de todos os agentes envolvidos na tradução teatral. Tais dinâmicas se tornam cada vez mais visíveis quando se leva em consideração que os Estudos da Performance percebem o conceito de drama — em parte amparado na teoria do “drama social” de Victor Turner, mas também na perspectiva de Goffman (1959) — como um instrumento metodológico central que permite um melhor entendimento do processo performativo. No contexto antropológico, essa conexão é ilustrada com clareza por Johannes Fabian (1999, p. 30): “É de amplo conhecimento que os antropólogos são fascinados pelos dramas como formas de ação social, como espelhos da natureza dos rituais, como esclarecedores da estrutura dos processos sociais”.

²⁸ Patrick Pavis, estudioso de teatro, questiona a “falabilidade” ao alertar sobre a ameaça da trivialização (PAVIS, p. 30).

²⁹ Nesse contexto, também, os trabalhos de Erika Fischer-Lichte suprem essa falta. Ver, por exemplo, Fischer-Lichte (2003).

A encenação de uma peça — no sentido tradicional — é feita de diferentes *performances culturais*³⁰. Primeiramente, diferentes tipos de processos performativos são realizados durante a produção de um texto, por exemplo, quando os autores estão no processo de aquisição de conhecimento e/ou quando eles estão escrevendo o texto da encenação baseados em processos de comunicação anteriores e experiências relevantes. Consequentemente, outros processos de encenação são necessários — e podem ser observados efetivamente — até o momento em que o texto da encenação é finalmente distribuído. Eles podem variar do envio do texto para uma editora ou um teatro, incluindo o processo de mediação dentro da rede mais próxima daquela instituição em particular, às estratégias de marketing ou à submissão da peça para produção de uma encenação. Considerando que o trabalho não é comissionado, podemos observar uma terceira fase, onde uma determinada instituição seleciona um texto de teatro para produção. Se os aspectos tradutórios não tiverem acontecido antes, eles entram em cena agora, porque nessa fase, o trabalho traduzido finalmente está sendo comissionado. A própria tradução pode ser percebida como um processo performativo *par excellence*: o texto fonte é convertido em uma versão preliminar, geralmente de acordo com as ideias de alguns dos principais agentes na esfera do teatro, ou na melhor das hipóteses, em colaboração com eles. Essa versão preliminar recebe então um toque final temporário por meio de um estágio adicional de transferência quando é passado para o dramaturgista ou o diretor de cena. Essa fase está sujeita a um número de variáveis que se manifestam desde ser uma primeira tradução, uma tradução resumida ou uma retradução, até questões do público alvo em potencial ou das condições relacionadas à cultura na área da estética literária que prevalecem na cultura alvo do teatro.

A produção de uma peça no seu sentido mais restrito é considerada uma performance cultural que é amplamente influenciada pela fase de tradução e que inclui aspectos específicos da própria encenação. Fischer-Lichte percebe a produção de uma peça como um processo de transformação cultural e assim como uma forma de tradução: “Uma produção portanto ‘traduz’ a peça primeiro na sua própria língua e em seguida a partir da língua estrangeira (cultura fonte) na sua própria cultura ao encená-la sob aquelas condições dominantes e assim proporcionadas pela cultura (alvo)”³¹ (1988, p. 129). Da mesma maneira, Sophia Totzeva (1995) percebe uma forte ligação entre as performances culturais de traduções em um sentido restrito e a produção teatral. A partir da terminologia de Roman Jakobson, ela compara o trabalho de tradutores com aquele de todos os atores envolvidos na encenação de uma peça:

³⁰ Para mais detalhes, cf. Wolf (2010).

³¹ (N.T.) A tradução da citação foi baseada na tradução de Wolf do alemão para o inglês.

“Devido à dualidade da comunicação estética como literatura e como teatro, o drama representa o ponto inicial para duas transformações semióticas: de um lado, uma interlingual, como a tradução literária, e do outro lado, uma intersemiótica, como a produção de teatro” (TOTZEVA, 1995, p. 12).

Por fim, a recepção da audiência também surge de processos performativos, que são condicionados por expectativas, aspectos canônicos e, em primeiro lugar, referências culturais. Isso também é verdade para críticos contemporâneos, considerando que eles sempre são parte do evento. Essa condição cria um problema, já que ela define uma perspectiva que não pode ser superada ao considerar processos performativos: os destinatários são, de acordo com Luhmann, “autorreferenciais”. Em outras palavras, eles são, sem exceção, incapazes de descrever o objeto de uma “perspectiva exterior” (LUHMANN, 1987).

6. Traçando o futuro da virada performativa

Como foi mostrado, a virada cultural não é, de fato, reconhecida amplamente no campo dos Estudos da Tradução. No entanto, novas tendências parecem estar surgindo, promissoras sobretudo para a área da Sociologia da Tradução. A direção performativa parece intensificar a compreensão sobre as condições do processo tradutório, que é entendido aqui no seu sentido mais amplo, e ajudar a exploração do escopo da ação gerada durante esse processo. O conceito de “tradução social”, do modo como foi construído no campo da Sociologia, abre novas perspectivas baseadas na performatividade, que ajuda a identificar os processos de entrelaçamento e diferenciação inerentes ao processo de tradução. Uma vez que reconhecemos os nossos pensamentos e ações como necessariamente autorreferenciais, precisamos nos perguntar em que medida somos atores no fundo de cena, no sentido de figurantes, ou protagonistas em um “teatro da tradução”. A *virada performativa* conseguiu abrir as cortinas para essa discussão.

Referências

AALTONEN, Sirkku. Theatre Translation as Performance. **Target**, Amsterdam, v. 25, n. 3, p. 385-406, 2013.

BACHMANN-MEDICK, Doris. Meanings of Translation in Cultural Anthropology. *In*: HERMANS, Theo (ed.). **Translating Others**. Manchester: St. Jerome, 2006. p. 33-42. v. 1.

BACHMANN-MEDICK, Doris. Introduction: The Translational Turn. **Translation Studies**, Abingdon, v. 2, n. 1, p. 2-16, 2009.

BACHMANN-MEDICK, Doris. **Cultural Turns: New Orientations in the Study of Culture**. Tradução: Adam Blauhut. Berlin: De Gruyter, 2016.

BAKER, Mona (ed.). **Translating Dissent**. Oxon: Routledge, 2016.

BASSNETT-MCGUIRE, Susan. Translating Spatial Poetry: An Examination of Theatre Texts in Performance. In: HOLMES, James S.; LAMBER, José; BROECK, Raymond van den (ed.). **Literature and Translation: New Perspectives in Literary Studies with a Basic Bibliography of Books on Translation Studies**. Leuven: Acco, 1978, p. 161-176.

BERMANN, Sandra. Performing Translation. In: BERMANN, Sandra; PORTER, Catherine (ed.). **A Companion to Translation Studies**. Chichester: Wiley Blackwell, 2014. p. 285-297.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BHABHA, Homi K. **The Location of Culture**. London: Routledge, 1994.

BIGLIAZZI, Silvia; KOFLER, Peter; AMBROSI, Paola (ed.). **Theatre Translation in Performance**. New York: Routledge, 2013.

BÖHME, Hartmut. Vom “turn” zum “vertigo”. Wohin drehen sich die Kulturwissenschaften? **Journal of Literary Theory**, Berlin, p. 1-6, 2008. Disponível em: <http://www.jltonline.de/index.php/reviews/article/view/26/95>. Acesso em: 8 abr. 2021.

BUDEN, Boris *et al.* Cultural translation: An introduction to the problem, and Responses, **Translation Studies**, Abingdon, v. 2, n. 2, 2009, p. 196-219. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14781700902937730>. Acesso em: 8 abr. 2021.

CAPPAL, Gabriele. Übersetzung in der Situation Fragmentierung. In: RENN, Joachim; STRAUB, Jürgen; SHIMADA, Shingo (ed.). **Übersetzung als Medium des Kulturverstehens und sozialer Integration**. Frankfurt am Main: Campus, 2002. p. 215-36.

CONWAY, Kyle. Cultural Translation. In: GAMBIER, Yves; DOORSLAER, Luc van (ed.). **Handbook of Translation Studies**. Amsterdam: John Benjamins, 2012. p. 21-25. v. 3.

FABIAN, Johannes. Theater and Anthropology, Theatricality and Culture. **Research in African Literatures**, Bloomington, v. 30, n. 4, p. 24-31, Winter 1999.

FISCHER-LICHTE, Erika. Performativ. Informationen zu einem alten Projekt. **Kulturen des Performativen**, 201-?. Disponível em: <http://www.sfb-performativ.de/>. Acesso em: 6 abr. 2021.

FISCHER-LICHTE, Erika. Die Inszenierung der Übersetzung als kulturelle Transformation. In: FISCHER-LICHTE, Erika *et al.* (ed.). **Soziale und theatrale Konventionen als Problem der Dramenübersetzung**. Tübingen: Narr, 1988. p. 129-144.

FISCHER-LICHTE, Erika. **Theater als Modell für eine performative Kultur**: Zum performative turn in der europäischen Kultur des 20. Jahrhunderts. Saarbrücken: Universität des Saarlandes, 2000.

FISCHER-LICHTE, Erika. Performance, Inszenierung, Ritual: Zur Klärung kulturwissenschaftlicher Schlüsselbegriffe. In: MARTSCHUKAT, Jürgen; PATZOLD, Steffen (ed.). **Geschichtswissenschaft und “performative turn”**: Ritual, Inszenierung und Performanz vom Mittelalter bis zur Neuzeit. Köln: Böhlau, 2003. p. 33-54.

FISCHER-LICHTE, Erika. **The Transformative Power of Performance**: A New Aesthetics. London: Routledge, 2008.

FRANZ, Michael; KALISCH, Eleonore. “Cultural Performance” und “Semiotic Anthropology”: Zur Performativität der interkulturellen Übersetzung. In: RIESE, Utz; DZIOWAS, Doris (ed.). **Kontaktzone Amerika**: Literarische Verkehrsformen kultureller Übersetzung. Heidelberg: Winter, 2000. p. 287-315.

FUCHS, Martin. Soziale Pragmatik des Übersetzens. Strategien der Interkulturalität in Indien. In: RENN, Joachim; STRAUB, Jürgen; SHIMADA, Shingo (ed.). **Übersetzung als Medium des Kulturverstehens und sozialer Integration**. Frankfurt am Main: Campus, 2002. p. 292-322.

FUCHS, Martin. Reaching Out; Or, Nobody Exists in One Context Only: Society as Translation. **Translation Studies**, Abingdon, v. 2, n. 1, p. 21-40, 2009.

GOFFMAN, Erving. **The Presentation of Self in Everyday Life**. Harmondsworth: Penguin Books, 1959.

HAN, Chao; SLATYER, Helen. Test Validation in Interpreter Certification Performance Testing: An Argument-based Approach. **Interpreting**, Países Baixos, v. 18, n. 2, p. 225-252, 2016.

HEMPFER, Klaus W.; VOLBERS, Jörg. Vorwort. In: HEMPFER, Klaus W.; VOLBERS, Jörg (ed.). **Theorien des Performativen**: Sprache — Wissen — Praxis. Eine kritische Bestandsaufnahme. Bielefeld: Transcript Verlag, 2011. p. 7-12.

HUBER, Martin. **Der Text als Bühne**: Theatrales Erzählen um 1800. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2003.

INGHILLERI, Moira. The Ethical Task of the Translator in the Geo-political Arena: From Iraq to Guantánamo Bay. **Translation Studies**, Abingdon, v. 1, n. 2, p. 212-223, 2008.

INTERNATIONALES Forschungskolleg “Verflechtungen von Theaterkulturen”. **Freie Universität Berlin**, 2008. Disponível em: <https://www.geisteswissenschaften.fu-berlin.de/en/v/interweaving-performance-cultures/>. Acesso em: 8 abr. 2021.

JIMÉNEZ SERRANO, Oscar. Backstage Conditions and Interpreter’s Performance in Live Television Interpreting: Quality, Visibility and Exposure. **The Interpreters’ Newsletter**, Trieste, n. 16, p. 115-136, 2011.

- JIRKU, Brigitte; LAWICK, Heike van. Translation und Translationswissenschaft in performativem Licht. *In*: JIRKU, Brigitte; LAWICK, Heike van (ed.). **Übersetzen als Performanz**. Wien: Lit Verlag, 2012. p. 7-33.
- KIEN Nghi Ha; D'HULST, Lieven; YOUNG, Robert J.C. Translation Studies Forum: Cultural translation. **Translation Studies**, Abingdon, v. 3, n. 3, p. 349-360, 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14781700.2010.496936>. Acesso em: 8 abr. 2021.
- KÜNZLI, Alexander. Translation Revision: A Study of the Performance of Ten Professional Translators Revising a Technical Text. *In*: GOTTI, Maurizio; ŠARČEVIĆ, Susan (ed.). **Insights into Specialized Translation**. Bern: Peter Lang, 2006. p. 193-211.
- KURULTAY, Turgay; BULUT, Alev; KAHRAMAN, Rana. New Perspectives in Community Interpreting: Relief Interpreting. *In*: KASAR, Sündüz Öztürk (ed.). **Interdisciplinarite en Traduction: Interdisciplinarity on Translation**. Istanbul: Les Éditions Isis, 2006. p. 233-236. v. 2.
- LADOUCEUR, Louise; NOLETTE, Nicole. Cow-boy poétre: a Bilingual Performance for a Unilingual Audience. *In*: BAINES, Roger; MARINETTI, Cristina; PERTEGHELLA, Manuela (ed.). **Staging and Performing Translation: Text and Theatre Practice**. New York: Palgrave Macmillan, 2011. p. 155-169.
- LAWICK, Heike van; JIRKU, Brigitte (ed.). **Übersetzen als Performanz**. Wien: LIT, 2012.
- LEESON, Lorraine; WURM, Svenja; VERMEERBERGEN, Myriam (ed.). **Signed Language Interpreting: Preparation, Practice and Performance**. Manchester: St. Jerome, 2011.
- LINDSAY, Jennifer (ed.). **Between Tongues: Translation and/of/in Performance in Asia**. Singapore: Singapore University Press, 2006.
- LUHMANN, Niklas. **Soziale System**. Grundriß einer allgemeinen Theorie. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1987.
- MARINETTI, Cristina. Translation and Theatre: From Performance to Performativity. **Target**, Amsterdam, v. 25, n. 3, p. 307-320, 2013.
- MARTIN, Anne; ORTEGA HERRÁEZ, Juan Miguel. From Invisible Machines to Visible Experts: Views on Interpreter Role and Performance During the Madrid Train Bomb Trial. *In*: SCHÄFFNER, Christina; KREDENS, Krzysztof; FOWLER, Yvonne (ed.). **Interpreting in a Changing Landscape: Selected papers from Critical Link 6**. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 101-114.
- MOKRE, Monika. **Solidarität als Übersetzung: Überlegungen zum Refugee Protest Camp Vienna**. Wien: transversal texts, 2015.
- MÜLLER DE QUADROS, Ronice; SOUZA, Saulo Xavier de; RAMALHO SEGALA, Rimar. Brazilian Sign Language Deaf-Translation Performance: Descriptive Concepts and Approaches to Procedures Led by Deaf Translator-Actors. *In*: MÜLLER DE QUADROS,

Ronice; FLEETWOOD, Earl; METZGER, Melanie (ed.). **Signed Language Interpreting in Brazil**. Washington: Gallaudet University Press, 2012. p. 21-42.

MÜNCH, Richard. **Die Kultur der Moderne**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.

PARSONS, Talcott. **Das System moderner Gesellschaften**. München: Juventa, 1996.

PAVIS, Patrice. Problems of Translation for the Stage: Interculturalism and Post-modern Theatre. *In*: SCOLNICOV, Hanna; HOLLAND, Peter (ed.). **The Play Out of Context: Transferring Plays from Culture to Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 25-44.

PRATT, Mary Louise *et al.* Translation Studies Forum: Cultural translation. **Translation Studies**, Abingdon, v. 3, n. 1, p. 94-110, 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14781700903338706>. Acesso em: 8 abr. 2021.

RENN, Joachim. Die Übersetzung der modernen Gesellschaft. Das Problem der Einheit der Gesellschaft und die Pragmatik des Übersetzens. *In*: RENN, Joachim; STRAUB, Jürgen; SHIMADA, Shingo (ed.). **Übersetzung als Medium des Kulturverstehens und sozialer Integration**. Frankfurt am Main: Campus, 2002. p. 183-214.

ROBINSON, Douglas. **Performance Linguistics: Speaking and Translating as Doing Things With Words**. New York: Routledge, 2003.

SELA-SHEFFY, Rakefet. How to be a (Recognized) Translator: Rethinking Habitus, Norms, and the Field of Translation. **Target**, Amsterdam, v. 17, n. 1, p. 1-26, 2005.

SHREVE, Gregory M.; LACRUZ, Isabel; ANGELONE, Erik. Sight Translation and Speech Disfluency: Performance Analysis as a Window to Cognitive Translation Processes. *In*: ALVSTAD, Cecilia; HILD, Adelina; TISELIUS, Elisabet (ed.). **Methods and Strategies of Process Research: Integrative Approaches in Translation Studies**. Amsterdam: John Benjamins, 2011. p. 93-120.

SKOROKHOD, Olena. Analysis of Representation of the War in Afghanistan as a US War in Russian and Western News Media: Systemic-Functional Linguistics Model. *In*: FEDERICI, Federico M. (ed.). **Mediating Emergencies and Conflicts: Frontline Translating and Interpreting**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016. p. 159-78.

SNELL-HORNBY, Mary. **The Turns of Translation Studies: New Paradigms or Shifting Viewpoints?** Amsterdam: John Benjamins, 2006.

SZABÓ, Csilla (ed.). **Interpreting: From preparation to performance: Recipes for practitioners and teachers**. Budapest: British Council Hungary, 2003.

TOTZEVA, Sophia. **Das theatrale Potential des dramatischen Textes: Ein Beitrag zur Theorie von Drama und Dramenübersetzung**. Tübingen: Narr, 1995.

TRAXLER, Carol Bloomquist. The Stanford Achievement Test, 9th Edition: National Norming and Performance Standards for Deaf and Hard of Hearing Students. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, United Kingdom, v. 5, n. 4, p. 337-348, set. 2000.

TURNER, Victor. **Dramas, Fields, and Metaphors: Symbolic Action in Human Society**. Ithaca: Cornell University Press, 1974.

TURNER, Victor. **The Anthropology of Performance**. New York: PAJ Publications, 1988.

UWAJEH, M. K. C. Literal Meaning in Performative Translatology. **Perspectives**, London, v. 4, n. 2, p. 189-201, 1996.

WILSON, Rita; MAHER, Brigid (ed.). **Words, Images and Performances in Translation**. New York: Continuum, 2012.

WOLF, Michaela. Introduction. In: WOLF, Michaela; FUKARI, Alexandra (ed.). **Constructing a Sociology of Translation**. Amsterdam: Benjamins, 2007. p. 1-38.

WOLF, Michaela. Translation Transculturation. Measuring the Perspectives of Transcultural Political Action. Tradução: Kate Sturge. **EIPCP multilingual webjournal**, Vienna, abr. 2008. Borders, Nations, Translations. Disponível em: <http://eipcp.net/transversal/0608/wolf/en>. Acesso em: 7 abr. 2021.

WOLF, Michaela. Vom “Kulturtransfer” zur “kulturellen Übersetzung”: Übersetzungswissenschaftliche Perspektiven. In: MENGEL, Ewald; SCHNAUDER, Ludwig; WEISS, Rudolf (ed.). **Weltbühne Wien/World Stage Vienna: Approaches to Cultural Transfer**. Trier: WVT Wissenschaftlicher Verlag Trier, 2010. p. 219-240. v. 1

WOLF, Michaela. Mapping the Field: Sociological Perspectives on Translation. **International Journal of the Sociology of Language**, Berlin, v. 2011, n. 207, p. 1-28, 2011.

WOLF, Michaela. Der performative turn in der Übersetzungswissenschaft: Eine Spurensuche. In: LAWICK, Heike van; JIRKU, Brigitte (ed.). **Übersetzen als Performanz**. Wien: LIT, 2012. p. 37-54.

WOLF, Michaela. The Sociology of Translation and its “Turn”. In: ANGELELLI, Claudia V. (ed.). **The Sociological Turn in Translation and Interpreting Studies**. Amsterdam: John Benjamins, 2014. p. 7-21.

ZURBACH, Christine. Dramaturgy, Translation and Performance: The Case of Contemporary Portuguese Theatrical Repertoires. In: MAIA, Rita Bueno; PINTO, Marta Pacheco; PINTO, Sara Ramos. **How Peripheral Is the Periphery? Translating Portugal Back and Forth: Essays in Honour of João Ferreira Duarte**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2015. p. 31-44.